

PÉ DE PASSAGEM: SOBRE AS POTENCIALIDADES DAS CAMINHADAS COMO ATIVIDADES DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

Marcella Araujo¹

Rodrigo Tonio²

Resumo: Este artigo explora as potencialidades do projeto de divulgação científica “Mapeando a diversidade religiosa no Centro do Rio de Janeiro” para formação acadêmica e em pesquisas de estudantes. O projeto visava mapear múltiplas formas de presença religiosa na cidade: templos, monumentos, grafites, cartazes, entre outros, para organizar eventos com público não especializado. Este artigo reflete sobre a experiência e descreve as dimensões analíticas e metodológicas das experiências de caminhada. Além do simples movimento, como recurso didático, as caminhadas convidam os alunos a sair da sala de aula e se confrontar com o mundo. Caminhar, assim, desafia modos de atenção e proporciona uma experiência de deslocamento outrora espacial e interna. Essa atitude reflexiva expande a percepção com consequências analíticas e metodológicas substantivas. Caminhando pelas ruas com atenção renovada, os alunos registraram materialidades de sete religiões diferentes em listas, mapas e fotografias. A partir de suas pesquisas de campo, organizamos, até o momento, cinco caminhadas com mais de 120 pessoas e promovemos debates sobre as diversas formas em que diferentes religiões convivem, compartilham espaços, linguagens e símbolos, ou se confrontam.

Palavras-chave: Caminhadas; Extensão universitária; Religião e cidade.

¹ Doutora em Sociologia pelo Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil. Professora adjunta do Departamento de Sociologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro e coordenadora do Urbano (Laboratório de Estudos da Cidade), Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: marcella.caarsi@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1214-7387>.

² Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil. Professor Adjunto do Departamento de Antropologia Cultural da Universidade Federal do Rio de Janeiro e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Unicamp. E-mail: rodrigo.toniol@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1169-5253>.

*PASSAGE FOOT: ON THE POTENTIALITIES OF WALKING AS TEACHING,
RESEARCH AND EXTENSION ACTIVITIES.*

Abstract: This paper explores the potentialities of the scientific dissemination project “Mapping the religious diversity in Downtown Rio de Janeiro” in teaching and research training. The project aimed to map multiple forms of religious presence in the city: temples, monuments, graffiti, and posters, among others, to organize events with a non-specialized public. This paper reflects on the experience and describes the analytical and methodological dimensions of walking experiences. Beyond the simple act of movement, as teaching resources, walkings invite the students to go outside the classrooms and confront themselves with the world. Walking thus challenges modes of attention and provides a displacement experience once spatial and internal. This reflexive attitude expands perception with substantive analytical and methodological consequences. Walking on the streets with renewed attention, the students registered materialities of seven different religions in lists, maps, and photographs. Drawing on their field research, we have organized, so far, five walkings with more than 120 persons and have promoted debates on the many ways different religions coexist, share spaces, language, and symbols, or confront others.

Keywords: Walkings; Scientific dissemination projects; religion and the city.

INTRODUÇÃO

Este artigo oferece o relato do processo de construção e execução do projeto de extensão universitária “Mapeando a diversidade religiosa no Centro do Rio de Janeiro”, coordenado pelos autores deste texto. Temos aqui um propósito duplo. Primeiro, tomamos como ponto de partida o reconhecimento da escassez de descrições e reflexões sobre o lugar que as atividades de extensão podem cumprir na universidade e na formação de pesquisadores. Foi a escassez de textos desta natureza que nos mobilizou inicialmente a escrever este artigo. Em segundo lugar, com esta publicação realizamos um primeiro esforço de elaboração de três dimensões das “caminhadas”: a) como recurso didático; b) como estratégia de pesquisa e c) como atividade de divulgação científica.

No segundo semestre letivo de 2021, oferecemos a disciplina eletiva Religiões e Cidade para o curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Nossa pretensão inicial era suprir uma lacuna de uma década sem disciplinas sobre religião e cidade, nos cursos de graduação em Ciências Sociais da UFRJ, após a aposentadoria da professora Regina Novaes, em 2005, e a transferência do professor Emerson Giumbelli para a UFRGS, em 2011. Contudo, mais do que diálogos temáticos, identificamos aproximações teóricas profícuas entre nossos modos de praticar a antropologia da religião e a sociologia urbana. Afinal, as etnografias dos artefatos do sagrado e as pesquisas sobre a produção e os usos do espaço urbano nos puseram diante do desafio de elaborar muitas camadas de significado das mobilidades e das materialidades. Assim, a disciplina apresentou autores e temas relevantes dos estudos sobre religiões no espaço urbano brasileiro, mas tomou as materialidades como o seu fio condutor. E assim o fizemos porque reconhecemos que, embora por percursos teóricos e analíticos distintos, as perspectivas ampliadas pela chamada “virada material” poderiam ser tomadas como pontos dialógicos e de produtiva convergência entre os campos dos estudos de cidades e da religião nas ciências sociais.³

Para explorar as múltiplas potencialidades das caminhadas, o artigo está organizado da seguinte forma. Na primeira seção, apresentamos o projeto de extensão criado como derivação da disciplina anteriormente mencionada. Descrevemos nossas estratégias didáticas com os alunos e como se deu o processo de construção conjunta de um roteiro de caminhada a ser realizado com o público externo à universidade. Em seguida, a partir de achados de pesquisa dos alunos, devidamente creditados ao longo deste texto, discorreremos sobre a criação de linhas de pesquisa a partir da experiência da extensão. Exploramos possibilidades de encantamentos mútuos entre a pesquisa e a extensão. Para produzir conteúdo sobre formas de presença das religiões no

³ Os temas discutidos na disciplina foram: formas e estéticas, obras e trabalhos, usos e significados dos dinheiros, circulações de objetos e pessoas, ocupação e expansão do espaço urbano, usos de praças e ruas, transgressões e profanações de monumentos, práticas religiosas nas periferias urbanas, moralidades e criminalidade

centro da cidade, os alunos foram treinados para a realização de trabalho de campo e entrevistas. Nesse processo, eles foram estimulados a conhecer a literatura pertinente sobre seus temas, a refletir sobre questões pouco exploradas pela bibliografia e, ainda, a imaginar formas de apresentar seus achados ao público externo, alvo da extensão. Como conclusão, propomos pensar o triplo uso das “caminhadas” no projeto: como recurso de formação dos graduandos em pesquisa, como estratégia metodológica e como forma de divulgação científica e interação com o público não especializado.

PASSOS PERDIDOS: SOBRE AS POTENCIALIDADES DIDÁTICAS E ANALÍTICAS DAS CAMINHADAS

No início do primeiro semestre letivo de 2022, criamos o projeto de extensão “Mapeando a diversidade religiosa no Centro do Rio de Janeiro”, cujo resumo, disponível no Sistema de Gestão Acadêmica da UFRJ é o seguinte:

Este projeto de extensão fará uma cartografia interativa de circuitos religiosos do centro do Rio de Janeiro. A diversidade religiosa brasileira e, particularmente, carioca é um traço amplamente celebrado no debate público. Apesar disso, no Brasil, os casos envolvendo intolerância religiosa têm crescido nas últimas décadas. Como resultado desta ação esperamos constituir um amplo mapeamento da presença de práticas, instituições e grupos religiosos no centro da cidade do Rio de Janeiro. Com isso esperamos constituir um acervo público com mapas, fotografias e registros audiovisuais, de acesso público para que toda a comunidade conheça a diversidade religiosa naquele perímetro. A equipe executora realizará reuniões semanais e também serão desenvolvidas reuniões mensais com o público-alvo, que será formado por agentes religiosos e pela comunidade escolar do ensino público do Rio de Janeiro. A realização desta ação será acompanhada por eventos e cursos a serem produzidos semestralmente em plataformas digitais que permitam a interação dialógica e *lives* com sua equipe executora em canais das mídias sociais.

Surpreendeu-nos positivamente o interesse de graduandos de Ciências Sociais, mas também da História e da Psicologia, pelo projeto. Recebemos quase trinta inscrições de alunos com diversas trajetórias religiosas: alguns criados como ateus e que seguiam assim; alguns vindos de famílias católicas cujas práticas religiosas atualmente se resumem a poucas atividades familiares; alguns praticantes e/ou interessados pelas religiões de matriz africana; muitos alunos nascidos em famílias protestantes, alguns dos quais ainda praticantes. Não nos deixa de chamar atenção esse perfil religioso dos alunos que manifestaram interesse por um projeto sobre diversidade religiosa na cidade. Sem qualquer pretensão generalizadora, não podemos nos furtar a reconhecer traços de um corpo discente nascido entre o final dos anos 1990 e o início dos anos 2000, período em que os trânsitos religiosos em direção ao protestantismo se ampliaram (Almeida, 2004)⁴.

Em reunião com os 25 alunos⁵ que integraram a primeira fase do projeto, criamos planos de atividades orientados para o planejamento de um primeiro evento aberto ao público externo à universidade, a ser realizado durante das XX Jornadas de Alternativas Religiosas na América Latina, entre 9 e 13 de agosto de 2022. Primeiro, dividimos os alunos em sete equipes: catolicismo, protestantismo, espiritismo, esoterismo,

⁴ Felizmente, temos as pesquisas coordenadas por Regina Novaes, em 1995, e Carlos Steil, em 1999, sobre religião e política entre os alunos de Ciências Sociais da UFRJ, no primeiro caso, e da UFRJ, entre outras universidades federais, no segundo. Essas duas pesquisas nos oferecem uma perspectiva histórica da maior relevância para questionamentos sobre mudanças no perfil discente nas últimas décadas (Novaes, 1994; Steil, Alves e Herrera, 2001).

⁵ As equipes de extensionistas são: Catolicismo - Samara Moreira, Yan Tavares e Mario Monteiro; Protestantismo - Jessica Pinheiro, Marcos Motta e Marcia Salazar; Espiritismo - Victória Leite e Thais Ramos; Religiões Afro-brasileiras - Yara Barroso, Carolina Lima e Giulia Menezes; Esoterismo - Daniele Thomaz, Mariana Bomtempo e Gilberto Pena; Grafismos religiosos - Davi de Macena, Rebecca Bassi e Aimee Valfogo; Lojas de artigos religiosos - Ana Clara Machado, Julia Oliveira e Pedro José Vasconcelos; e Literatura - Rebecca Bassi, Davi de Macena, Aline Muniz, Carlos Polhuber, Ana Clara Machado e Maria Fernanda Argileu.

grafismos religiosos, religiões afro-brasileiras e lojas religiosas⁶. Cada uma dessas equipes deveria fazer um levantamento das diversas formas de presença das religiões dentro de um perímetro desenhado no entorno do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais. Tomamos nosso prédio como ponto de partida, cientes da arbitrariedade da sua escolha como referência para as caminhadas dos alunos.

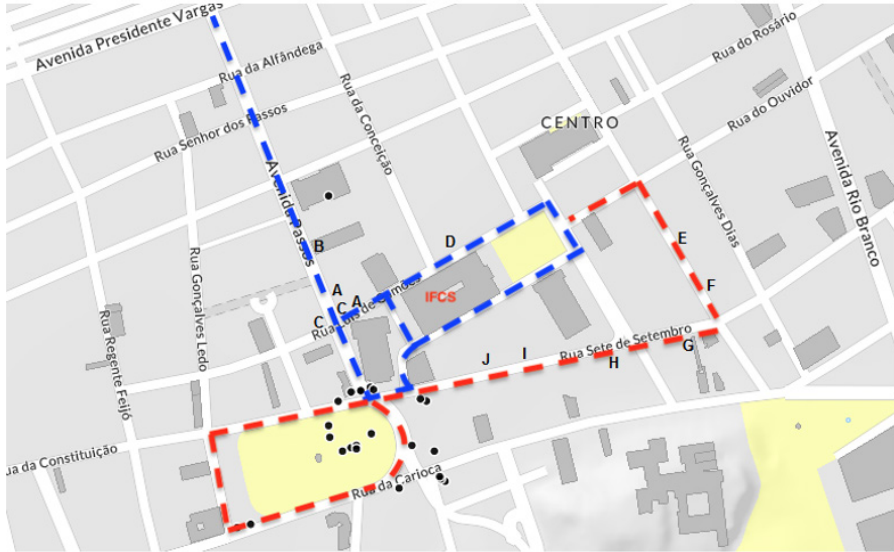
A metodologia do levantamento foi estruturada em dois eixos. Com seus colegas de equipe, os alunos deveriam caminhar pelas ruas com suas atenções direcionadas apenas às formas de presença das religiões que lhes foram designadas. Nos casos das equipes responsáveis por levantar os grafismos e as lojas religiosas, os alunos buscaram encontrar imagens e mensagens das mais diversas religiões, no primeiro caso, e a localizar estabelecimentos comerciais de objetos para uma ou mais práticas religiosas, no segundo.

Por formas de presença das religiões, referimo-nos às mais diversas materialidades: templos, monumentos, objetos localizados (em altares nos bares e nas entradas de lojas, ou mercadorias à venda por ambulantes), oferendas institucionalizadas (como velas e doações, nos templos) e extra-institucionais (como ebós nas esquinas), estabelecimentos comerciais e diversas mensagens grafadas nos variados suportes (pixos, grafites, lambes, cartazes, placas, etc.)⁷. Para treinar o olhar etnográfico dos alunos, optamos por direcioná-los, primeiro, às materialidades. Isso não é autoevidente. Escolhemos não circunscrevê-los às instituições religiosas, para evitar direcionar seus olhares às práticas oficiais e aos praticantes disciplinados. Pretendíamos estimulá-los a buscar, sem um roteiro de onde chegar.

⁶ Posteriormente, em maio, criamos ainda um equipe de literatura, responsável pela leitura de cronistas e contistas que fizeram das ruas do centro do Rio matéria-prima para seus escritos. Nosso objetivo era identificar e mergulhar em histórias das ruas e dos prédios do perímetro do nosso projeto. O trabalho dessa equipe foi crucial para a elaboração do roteiro da atividade de extensão realizada em 12 de agosto, apresentada adiante.

⁷ O trabalho de Emerson Giumbelli (2008) sobre a presença do religioso no espaço público foi uma inspiração constante nesta etapa da pesquisa.

Mapa com o traçado do primeiro trabalho de campo exploratório realizado pelo grupo



Fonte: material produzido pelos autores, dos autores, 2022.

Cada equipe saiu a campo com uma lista e um mapa em mãos. Combinamos que as formas de presença das religiões deveriam ser listadas, descritas e codificadas segundo uma ordem numérica e os números correspondentes a cada forma de presença identificada deveriam ser inscritos nos mapas. Assim, correlacionaríamos listas e mapas de cada equipe. Além de serem cruciais para a sistematização das informações, os registros em lista e mapa serviram como recursos didáticos, pois impuseram a necessidade da pausa e do estranhamento da transcrição daquilo que era observado em representações gráficas.

Planilha de codificação dos espaços religiosos identificados

DATA DO TRABALHO DE CAMPO	CÓDIGO DO MAPEAMENTO	ENDEREÇO	DESCRIÇÃO
14/05/2022	A	Rua Luiz de Camões, 42 e Av. Passos, 24	Loja de artigos católicos: Zena Imagens e Artes Sacras
14/05/2022	B	Av. Passos, 28 e 30	Federação Espírita do Brasil (FEB) em que dentro dela há uma livraria
14/05/2022	C	Av. Passos, 27, 23 e 25	SEBO Academia do Saber
14/05/2022	D	Rua Luiz de Camões, 10	Letra Viva Matriz Sebo e Livraria
21/06/2022	E	Rua Uruguaiana, 64	Apostolado Litúrgico artigos católicos
21/06/2022	F	Rua Uruguaiana, 34	Palácio das Velas Artigos religiosos diversos
21/06/2022	G	Rua Sete de Setembro, 141	Arte Sacra Renovação
21/06/2022	H	Rua Sete de Setembro, 169	Livraria Solário
21/06/2022	I	Rua Sete de Setembro, 209 (loja 35)	Premier (galeria de CDs)
21/06/2022	J	Rua Sete de Setembro, 190	Pequeno Mundo dos CDs

Fonte: material produzido pelos autores, dos autores, 2022.

“Quais e quantas formas de presença das religiões encontramos no entorno do IFCS?” foi a pergunta com a qual todos saíram do prédio no trabalho de campo exploratório, em maio de 2022. Na primeira experiência que realizamos conjuntamente com os alunos, destacamos a importância do treino do olhar como atitude etnográfica. Da prática da pesquisa, os extensionistas exercitaram o estranhamento daquelas ruas tão familiares do entorno do prédio em que estudam, se maravilharam com as descobertas feitas e sentiram as frustrações geradas pelo trabalho de campo. A equipe do catolicismo solicitou mais folhas de papéis para listar as tantas igrejas encontradas no diminuto perímetro selecionado para o começo do levantamento; ao passo que a equipe de espiritismo encontrou poucas referências e a equipe de religiões afro-brasileiras quebrou a cabeça para localizar alguma forma de presença do candomblé e da umbanda pelas ruas do centro.

Levamos nossos alunos para fora, em um duplo sentido. Saímos das salas de aula e fomos para as ruas, percorrê-las em busca de pistas, traçados e trajetos. Mas, antes de mais nada, estimulamos que eles se deslocassem para fora de si mesmos. Aqui nossa proposta se ancorou numa provocação feita por Tim Ingold sobre processos de aprendizagem. Há o modelo bastante familiar nas instituições ortodoxas de ensino, em que

nos sentamos em salas de aula no papel de alunos, ou que nos colocamos à frente da classe para ensinar. Este é o sentido do verbo latim *educare*: criar, cultivar, inculcar um padrão de conduta aprovado juntamente com o conhecimento que o sustenta (Ingold, 2015, p. 23).

Mas há também outro sentido de educar, que relaciona o termo a *educere*, ou seja, *ex* (fora) + *ducere* (levar).

Levar os noviços para o mundo lá *fora*, ao invés de – como é convencional hoje – inculcar o conhecimento *dentro* das suas mentes. Significa, literalmente, convidar o aprendiz para dar uma volta lá fora (*Ibid*).

Por mais que tenhamos tomado a religião como o tema orientador de nossas caminhadas, as formas pelas quais elas fazem cidade são tão variadas que rapidamente reconhecemos que nosso percurso era, antes de tudo, um labirinto. A metáfora do labirinto não é despropositada. Remete, mais uma vez, ao diálogo com Ingold que, tal como nós, a elabora a partir de uma reflexão sobre caminhar na cidade:

Para a maioria de nós, urbanitas disciplinados pela educação, as ruas não são um labirinto. Nós andamos por elas não pelo que revelam ao longo do caminho, mas porque elas nos permitem transitar de um ponto a outro. Ainda podemos nos perder nas ruas, mas essa perda é sentida não como descoberta ao longo de um caminho que não leva a lugar algum, mas como um revés na rota para uma meta predeterminada. Queremos chegar de um lugar ao outro, e somos frustrados por curvas erradas e becos sem saída (Ingold, 2015, p. 24).

Se, por um lado, as reflexões de Ingold sobre aprendizagem nos ajudaram a estruturar a caminhada como modo de pensar o tipo de educação que nosso projeto poderia investir, foi a partir dos estudos sobre cidades que outro conjunto de formulações sobre as caminhadas foi aportado. A partir dessa experiência exploratória de lançar os alunos nos labirintos daquele entorno familiar, elaboramos com os extensionistas a importância da caminhada como estratégia metodológica. As caminhadas são atividades de pesquisa que permitem deslocar a observação do alto da visão panorâmica, assumida por um pretense olhar divino, em direção aos confusos, conflitantes e erráticos trajetos dos pedestres que formam as multidões das grandes cidades (De Certeau, 1994).

As nossas caminhadas não podem ser confundidas com as caminhadas dos praticantes das religiões, mas servem para traçar caminhos até e entre os lugares relevantes das práticas religiosas. A partir dessas pistas identificadas no espaço, podemos encontrar praticantes, acompanhá-los e entrevistá-los sobre seus *trajetos* religiosos: onde professam sua fé, onde compram os objetos para suas práticas, onde se localizam seus territórios sagrados. Desafiamos os alunos a pensar sobre a “narratividade” do espaço.

O ato de caminhar está para o sistema urbano como a enunciação (speech act) está para a língua ou para os enunciados proferidos. (...) As caminhadas dos pedestres apresentam uma série de percursos variáveis, assimiláveis a “torneios” ou “figuras de estilo”. Existe uma retórica da caminhada. A arte de “moldar” frases tem como equivalente uma arte de moldar percursos. Tal como a linguagem ordinária, esta arte implica e combina estilos e usos (De Certeau, 1994, p. 179).

A relação que Michel De Certeau estabelece entre caminhada e linguagem é a de uma via de mão dupla em que tanto as estruturas narrativas têm valores de sintaxes espaciais, como os deslocamentos no espaço adquirem valores narrativos. Ao se deslocarem, os caminhantes moldam espaços, seguem por trajetos já traçados, mas também podem subvertê-los e reorganizá-los. Para De Certeau, o ato de caminhar é uma forma de enunciação com uma tríplice função, em que cada um dos termos encontra paralelo com a língua: a) é um processo de apropriação do sistema topográfico pelo pedestre – assim

como o locutor se apropria e assume a língua; b) é uma realização espacial do lugar – assim como o ato da palavra é uma realização sonora da língua; c) implica o estabelecimento de relações entre posições diferenciadas – assim como a língua coloca seus falantes em relação (De Certeau, 1994, p. 177). As caminhadas dos pedestres tornam-se, conforme essa perspectiva, *retóricas ambulatórias* que moldam percursos como os falantes moldam frases. O que está em jogo é a atenção ao espaço enquanto lugar praticado, uma espécie de efeito da criatividade que desloca e transgride o lugar prescrito. Com De Certeau, aprendemos a desafiar a lei da matemática que diz que uma linha é a menor distância entre dois pontos. Os trajetos de quem circula são imbuídos de sentidos sociais que extrapolam prescrições racionais. Os caminhantes se apropriam do espaço da cidade por meio da “fala de seus passos perdidos” e de seus próprios “relatos do espaço”.

Ao caminhar nos deparamos com a poética das ruas, em que a vida cotidiana se desenrola lado a lado a monumentos da memória coletiva, arquiteturas de outras épocas, eventos sociais de temporalidades curtas. Deslocar-se no espaço implica também deslocar-se no tempo. Isso ficou evidente, nas nossas caminhadas como pesquisadores, ao nos depararmos com pixos e lambes em prédios históricos. Como o pesquisador e artista Davi de Macena elaborou, os ferros de grades e as paredes de pedras de igrejas históricas oferecem diferentes suportes materiais aos grafismos urbanos. A porosidade das igrejas católicas monumentais do século XVIII oferece a chance da perenidade aos *sprays*. E nesse sentido, a arte urbana contemporânea se inscreve na paisagem urbana sobreposta e imiscuída a outros tempos históricos – “a duração não é sentida que pelos instantes” (Bachelard, 1994).

Uma terceira frente de pesquisa se abriu: além do trabalho de campo que buscava traçados e pistas da presença de práticas de religiões no centro da cidade e das entrevistas com praticantes encontrados em seus trajetos espaciais e religiosos, os alunos realizaram também pesquisas históricas. Cada equipe ficou responsável por buscar documentos ou realizar entrevistas de história oral sobre a produção das materialidades identificadas. Era fundamental saber contar a história da construção dos templos, suas arquiteturas, seus deslocamentos por diversas sedes, as circulações de altares e imagens entre igrejas, os

percursos de procissões e festas. Complementarmente, criamos um grupo de literatura, responsável por levantar a história das ruas do nosso perímetro e por compilar crônicas do cotidiano do passado. A partir dessas outras narrativas urbanas, sobrepostas às narrativas dos passos perdidos, procuramos produzir hologramas narrados e projetar, no presente, imagens do passado para deslocar a própria experiência de caminhar pela cidade⁸.

Diante dessas elaborações das caminhadas como recursos didáticos e estratégias metodológicas, nossa pretensão inicial de produzir mapeamentos e cartografias interativas caiu por terra. Com efeito, antes de limitar nossas formas de produzir, essa constatação abriu dois novos horizontes. O primeiro, foi de consolidar a caminhada como um dos principais produtos do projeto de extensão, na medida em que foi a partir dessa atividade que investimos na divulgação dos achados de nosso grupo. E, segundo, essas caminhadas também abriram a possibilidade de identificarmos e sobrepor os traçados que percorremos.

PE DE PASSAGEM PEDE PASSAGEM: A CAMINHADA COMO ATIVIDADE DE EXTENSÃO

Em meados de agosto de 2022, após quatro meses de trabalhos de campo, algumas entrevistas e levantamentos históricos, realizamos a primeira atividade aberta do projeto de extensão. No último dia das XX Jornadas de Alternativas Religiosas na América Latina, realizada no IFCS/UFRJ, oferecemos caminhadas com um roteiro construído a partir dos levantamentos feitos pelas equipes de campo. No total, foram quatro caminhadas, com mais de vinte participantes em cada, número que excedeu em muito nossas expectativas. Após um *brainstorming* coletivo, chegamos ao provocativo título *Pé de Passagem* para a atividade. O nome brinca com a centralidade dos pés e do ato de caminhar como recurso metodológico e interativo, além de criar

⁸ Essa formulação sobre narrativas urbanas e etnografias das durações são tributárias dos mais de vinte anos de pesquisas e publicações de Cornelia Eckert e Ana Luiza Carvalho da Rocha (2013a e 2013b, entre muitas outras).

uma aliteração que faz brotar a palavra “pede”, impregnada de significados religiosos. Devemos esse *insight* e a preciosa produção de identidade visual ao nosso pesquisador e artista urbano, Davi de Macena.

Arte produzida pelo pesquisador e artista Davi de Macena



A construção do roteiro da caminhada de extensão foi feita da seguinte forma. Optamos por privilegiar lugares emblemáticos e pontos de cruzamento entre religiões, identificados pelos pesquisadores. Cruzamentos que poderiam

levar a coabitações de práticas religiosas, como a coexistência da fé católica e das religiões afro, na Igreja do Rosário, ou a contiguidade geográfica entre essa igreja e a tenda de atendimento de Mãe Lucia; assim como cruzamentos que produziam conflitos, como os embates entre Jesus, demônios, pretos velhos e ciganas, ou alargamentos de sentido, como o Jesus preto e a Escrava Anastácia sem mordação, no papel de uma babá que guia um carrinho de bebê.

Entre o Largo de São Francisco e a Praça Tiradentes, perímetro a que nos circunscrevemos para criar um roteiro fluido e circular, alguns prédios são, com o perdão do trocadilho, incontornáveis na história do Rio de Janeiro. A Igreja de São Francisco de Paula, nossa vizinha, é uma joia do catolicismo, com altar central talhado por Mestre Valentim, erguida em meados do século XVIII sobre os aterros da Lagoa da Pavuna, uma entre tantas obras que produziram terras habitáveis da cidade chamada maravilhosa por suas belezas, supostamente, naturais. A sede histórica da Federação Espírita Brasileira, local de caridade, atendimentos espirituais e guarda documental é outra materialização da história, a poucos metros do IFCS. A Catedral Presbiteriana, por sua vez, com sua arquitetura neogótica, inspirada na Notre Dame de Paris, oferece nada menos do que três conjuntos de estátuas públicas, um deles sobre a primeira santa ceia reformada no Novo Mundo, realizada durante a invasão francesa ao Rio de Janeiro e a tentativa de Nicolau de Villegagnon criar uma França Antártica. E a Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos passou por tantas transformações e acolhe tantos trabalhos espirituais e estéticos que não poderia ficar de fora. Construída no século XVIII, a igreja foi tombada em 1938, mas sofreu um incêndio três décadas depois, que levaram-na a passar por uma reforma capitaneada por Lucio Costa, cuja autoridade no campo da arquitetura lhe permitiu recompor o barroco original nos traços “limpos” do modernismo.

Além desses prédios imponentes, paramos diante de um grande muro-mural da Travessa da Imperatriz, ruela das mais conhecidas pelas atividades de lazer dos alunos do IFCS ao final de seus turnos. Entre grafites, pixos e lambes, na extensa parede-suporte das artes urbanas, como Davi de Macena elaborou, se destaca a representação de Jesus Pretinho, um Menino Jesus negro e reconchudo no colo de uma Maria branca, obra do artista Alberto Pereira. As outras paradas do roteiro da caminhada de extensão foram a barraca de roupas de santo e o erveiro da Rua dos Andradas; o Apostolado Litúrgico, uma loja de artigos

religiosos com capela⁹, e o Palácio das Velas, uma loja de rede de produtos religiosos e espiritualistas, como velas, pedras, mandalas, pêndulos para radiestesia, incensos, óleos essenciais, cristais, entre outros produtos cujas vidas sociais são agenciadas pelas práticas religiosas daqueles que os adquirem. No trajeto entre uma parada e outra, contamos ainda diversas histórias sobre a urbanização da cidade, a abertura de ruas, a criação e os usos antigos de praças, as mudanças nos estilos de vida do Rio de Janeiro. Procuramos, assim, entremear a experiência da caminhada como deslocamento espacial orientado a conhecer a paisagem e as práticas religiosas no Centro do Rio com pausas para contar histórias do passado, demolições, apagamentos e deslocamentos.

Fotografia à esquerda: Intervenção do artista Alberto Pereira

Fotografia à direita: atividade de caminhada realizada em agosto de 2022 com os participantes da XX Jornadas sobre Alternativas Religiosas da América Latina



Fotografia à esquerda: Marcella Araujo | Fotografia à direita: Miguel Macedo

⁹ Descreveremos em mais detalhes este espaço a seguir.

O roteiro da caminhada que constituímos deu visibilidade para as variadas formas de presença da religião no espaço público daquela região da cidade. A forte presença da igreja católica, a imponência da histórica sede da Federação Espírita Brasileira (FEB), a Catedral Presbiteriana como um testemunho dos evangélicos na cidade, as lojas religiosas nas ruas de comércio, as não tão explícitas marcas das práticas afro-brasileiras e a efemeridade das pixações e lambes colados nos muros foram manifestações emblemáticas das variadas formas pelas quais a religião e suas práticas se fazem presentes no centro do Rio. Refletir sobre esses pontos do percurso nos ajudou a compreender algumas das estratégias de visibilidade e os pesos políticos das variadas matrizes religiosas. Por outro lado, conforme avançamos na pesquisa de campo, nas entrevistas e no mergulho da história desses espaços, nos demos conta que aquele também era um percurso que nos oferecia passagens no tempo. Para citar apenas dois exemplos, as suntuosas igrejas católicas carregavam as marcas dos incêndios, das obras, das modificações e dos processos de patrimonialização que sofreram ao longo do último século. Assim como a sede nacional da FEB, que perdeu seu *status* junto com a própria cidade do Rio de Janeiro quando esta deixou de ser capital do Brasil. Os espíritas optaram por acompanhar os civis, levando sua sede para o Planalto Central. Em suma, os pontos de nosso percurso eram, antes de tudo, dobras no tempo, formas de presença contemporâneas que nos davam pistas e insinuavam outros arranjos de relações entre as religiões e, sobretudo, entre as religiões e a cidade. Foi a partir deste ímpeto que identificamos aquilo que se constituiu como o desdobramento, na forma de pesquisa, das questões e do coletivo originalmente formados como um projeto de extensão.

TRAÇOS, TRAJETOS E CIRCUITOS RELIGIOSOS NA CIDADE: CAMINHOS DE PESQUISA

Com este resumo, abrimos passagem para o Passagens no mundo¹⁰.

O tempo passa. E muitas coisas ficam: estátuas, prédios, monumentos, paisagens, fachadas, ruínas. Algumas delas permanecem de modo duradouro, como

¹⁰ Fazemos referência aqui à primeira postagem no perfil do Instagram do grupo de pesquisa (@Passagens.ufrj). É importante destacar que a produção de conteúdo para

as igrejas do século XVI da Cidade Velha do Rio de Janeiro; outras são mais efêmeras, como os cartazes de jogos de búzios e tarô nos muros e postes de grandes avenidas; outras ficam no meio do caminho do tempo, como as pixações nas fachadas de igrejas tombadas.

As pessoas circulam ombro a ombro, mas podem passar por lugares muito diferentes, como os transeuntes que encurtam caminhos pelo Beco do Rosário lado a lado de quem saiu de uma consulta com a mãe de santo e dobra em direção à Rua dos Andradas para comprar ervas em uma das barracas na calçada.

O dinheiro também passa de mão em mão, convertendo moeda em fé. Entre as lojas de artigos litúrgicos, o atacadão das bíblias e os sebos com suas prateleiras de livros espiritualistas e religiosos, passam muitos objetos. Das fábricas de congregações ou das pequenas oficinas e confecções, passando pelas mãos dos vendedores, até chegar aos clientes, os objetos ganham diferentes qualidades espirituais. As velas que o digam, tantos são os seus caminhos, entre despachos nas esquinas, oferendas em casas de santo e os altares das igrejas católicas.

Nos seus percursos, alguns objetos se distanciam no espaço. Outros se encontram e coabitam, como as chamas do velário da Igreja do Rosário, onde velas para São José e São Miguel ficam lado a lado a outras para Maria Mulambo e Pai Joaquim das Almas. Outros objetos se encontram e se chocam, como acontece nas disputas entre Jesus, Exus e Ciganas nos lambes dos muros da Avenida Passos.

Estudamos passagens no Centro da cidade do Rio de Janeiro. Passagens no tempo, passagens no espaço, passagens de palavras, passagens de pessoas, passagens de objetos. Estamos interessados pelas circulações nas calçadas, nos balcões e nas giras; pelos cruzamentos de ruas e imagens; pelas encruzilhadas espirituais e espaciais; pelos traçados das ruas e das pixações; pelas esquinas e seus despachos.

Com os pés nas passagens, a gente pede passagem.

este perfil tem mobilizado toda a equipe de pesquisadores, engajados em produzir textos em linguagem acessível para o público de não especialistas. Consideramos, por isso, este perfil não apenas como um espaço de divulgação de nossos resultados, mas efetivamente como parte daquilo que o grupo tem efetivamente produzido.

As caminhadas eram e ainda são a aposta metodológica do projeto de extensão, mas elas também abriram caminhos para pesquisas mais robustas. Algumas equipes identificaram pequenos traçados de circuitos religiosos extensos e ricos. A partir dos traçados das materialidades e dos trajetos das pessoas, os alunos vêm reconstruindo alguns *circuitos* das religiões: circuitos urbanos, isto é, “a configuração espacial, não contígua, produzida pelos *trajetos* de atores sociais no exercício de alguma de suas práticas, em dado período de tempo” (Magnani, 2014); e circuitos de comércio, dentro dos quais pessoas compartilham valores sobre outras pessoas, objetos e meios de troca (Zelizer, 2010). Citamos duas linhas de pesquisas para levantar as questões teóricas que se impuseram ao grupo.

O primeiro caso foi levantado pela equipe de religiões afro-brasileiras. As extensionistas enfrentaram dificuldades para localizar formas positivas de presença religiosa do candomblé e da umbanda nas ruas do centro do Rio. No campo exploratório, as alunas apenas identificaram mensagens contrárias à exus, pombagiras, ciganas e pretos velhos, expressas em dezenas de lambes espalhados por muros e postes. O padrão desses grafismos é: “Só Jesus expulsa [entidade de matriz africana] das pessoas”. Na reunião subsequente ao campo exploratório, discutimos longamente com o conjunto dos alunos como poderíamos abordar essas mensagens no nosso levantamento. Para as extensionistas do grupo de religiões afro-brasileiras, as mensagens eram expressão de racismo religioso. Mas os dizeres não são unívocos. A equipe de protestantismo tinha identificado as mesmas dezenas de lambes, mas, dentro dos trajetos religiosos pelos quais esses alunos estavam responsáveis, as mensagens apelavam para a conversão. Como Jéssica Pinheiro, extensionista da equipe de protestantismo, elaborou, entre os evangélicos, muitas aflições do espírito são atribuídas à proximidade de certas entidades. E não raro, o conhecimento de causa, como ex-praticante de religião de matriz africana, garante legitimidade e força aos trânsitos religiosos de evangélicos.



Fotografia: Rodrigo Toniol

Essa situação de sentidos conflitantes das mensagens religiosas foi especialmente instrutiva para que discutíssemos as múltiplas formas de circulação religiosa. As lojas de artigos religiosos já vinham nos mostrando que há lugares da cidade em que as práticas das religiões coabitam. Afinal, as velas saem nas sacolas dos compradores e tomam os mais diversos rumos: em direção a velários de igrejas, aos altares domésticos, a despachos nas esquinas. Os lambes colados nos muros nos indicavam que, outras vezes, as práticas religiosas se encontravam e tensionavam. Para nós, como cientistas sociais, a identificação de locais e formas de expressar o conflito é da maior relevância para compreender sobreposições, cruzamentos e tensões entre circuitos religiosos da cidade.

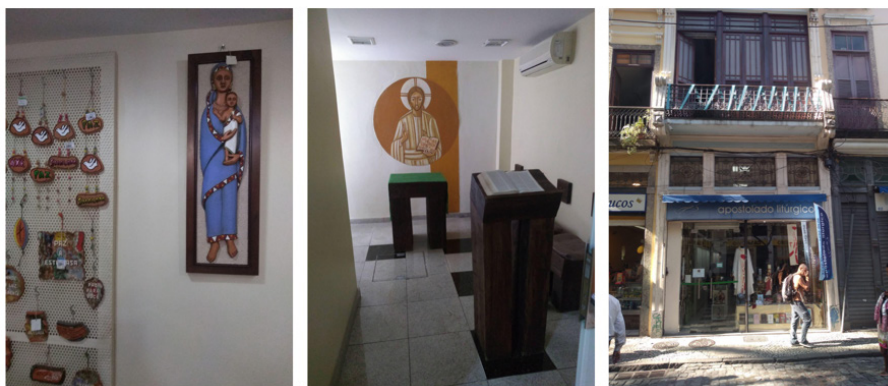
Mas extensionistas da equipe de religiões afro-brasileiras não se deram por convencidas a localizar apenas presenças do candomblé e da umbanda pela negativa. Para elas, foi importante olhar para o chão e para as frestas, ao contrário das demais equipes que olhavam para fachadas (de templos, de lojas, de prédios) e para o alto. No chão, elas poderiam encontrar ebós, presenças quase invisíveis de práticas religiosas nas ruas do centro. As três alunas foram extremamente perspicazes e encontraram nada menos do que uma mãe de santo, uma barraca de roupas de santo e um erveiro, além de velas e mensagens para Maria Mulambo e Pai Joaquim das Almas dentro da Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos. Desde que realizaram seus achados em campo, muito próximos geograficamente do prédio do IFCS, mas até então invisíveis para todos nós, as alunas vêm realizando entrevistas sobre atendimentos espirituais, trajetórias religiosas, histórias de mães e pais de santo no centro da cidade e suas relações com casas de santo em outros bairros. Elas estão empenhadas em reconstruir um circuito das religiões afro no centro e a partir do centro da cidade.



Fotografia: Yara Barroso

O segundo caso levantado pelos pesquisadores trata de um circuito de comércio do catolicismo. A equipe responsável por localizar lojas de artigos religiosos encontrou, entre lojas de arte sacra, atacadão de bíblias, loja de objetos religiosos e espiritualistas, uma loja com uma capela. Trata-se do Apostolado Litúrgico, mantido pela congregação das Pias Discípulas do Divino Mestre, fundada em 1924, na Itália, e presente no Brasil há sessenta anos. A loja ocupa um sobrado da Rua Uruguaiana, onde são vendidos artigos religiosos, como imagens de santos, terços, castiçais, estolas, camisas,

entre outros, adquiridos principalmente por padres e leigos católicos, mas também por alguns pastores. Muitos objetos são produzidos em fábricas da própria congregação, localizadas na cidade de Jacaré, São Paulo. Alguns objetos se diferenciam pela elaboração estética e religiosa. As irmãs produzem, por exemplo, imagens não eurocêntricas do Menino Jesus e de Maria, com corpos negros, vestidos com roupas feitas de tecidos africanos e colares de contas, assim como inserem a presença de Maria em pinturas de cenas da vida de Jesus, como a Santa Ceia, para contornar “visões patriarcais”. Além disso, aos fundos da loja, funciona uma pequena capela aberta a todos. Pintada por irmã Gorete, uma artista plástica que se converteu do ateísmo ao catolicismo durante a realização de uma pintura, na qual se sentiu arrebatada pela beleza da natureza e ouviu um chamado divino. A capela é livre para o acesso de todos, independentemente das religiões, e às quintas-feiras são feitas orações pela manhã. O Apostolado Litúrgico figura como um ponto nodal em um circuito religioso e econômico, no qual as obras, os trabalhos, os objetos combinam significados econômicos e espirituais.



Fotografias: Marcella Araujo

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final deste percurso, identificamos que três questões atravessam nossas discussões: a) as múltiplas formas de circulação de pessoas, objetos, dinheiros e práticas religiosas no espaço urbano; b) a polissemia dos termos imagens e obras; e c) as múltiplas formas como as religiões fazem cidade. Foge ao escopo deste texto, desenvolvê-las adequadamente. A partir de setembro de 2022, começamos a explorar as potencialidades teóricas e metodológicas conjuntamente nos projetos de pesquisa “Materialidades reminiscentes” e “Avenida Presidente Vargas: etnografia da vida social de uma infraestrutura urbana”, ambos contemplados com bolsas de iniciação científica pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro. Essas pesquisas discutirão como as reformas urbanas afetam construções religiosas. Para a abertura da via, foram demolidas quatro igrejas, entre elas, três tombadas como patrimônio histórico.

Neste texto, em particular, optamos por valorizar apenas a primeira dessas questões – as circulações. Espelhamos na estrutura deste texto a centralidade que as caminhadas adquiriram durante o nosso processo de pesquisa. Caminhadas não apenas como ato de deslocamento, mas sobretudo como um fundamento triádico: como recurso de formação dos graduandos em pesquisa, como estratégia metodológica e como forma de divulgação científica e interação com o público alvo de nossas atividades. As imagens evocadas ao longo do texto são entrecortadas pelas imagens que o nosso próprio grupo de pesquisadores produziu, mas também com outras feitas pelo público de não especialistas que quis colocar os seus pés nas passagens.

Vale ainda ressaltar que este texto constitui também um relato sobre uma atividade de extensão promovida por e entre os estudantes de Ciências Sociais da UFRJ. A pertinência deste relato em si dialoga com um processo mais amplo de curricularização da extensão nas universidades brasileiras. Embora este tema venha sendo discutido em termos de política educacional, poucos são os exemplos concretos divulgados nos periódicos científicos do país. Esperamos que, com esta contribuição, outros colegas possam dialogar conosco e criar suas próprias passagens, entremeando religiões e cidades.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, R. Religião na metrópole paulista. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 19, 56, p. 15-27, 2004.
- BACHELARD, G. *A dialética da duração*. São Paulo: Ática, 1994.
- DE CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- ECKERT, C.; ROCHA, A. L. C. da. *Antropologia da e na cidade, interpretações sobre as formas da vida urbana*. Porto Alegre: Marcavizual, 2013a.
- GIUMBELLI, E. A presença do religioso no espaço público: modalidades no Brasil. *Religião & sociedade*, v. 28, p. 80-101, 2008.
- INGOLD, T. O dédalo e o labirinto. *Horizontes Antropológicos*, v. 21, p. 21-36, 2015.
- MAGNANI, J. G. C. O Circuito: proposta de delimitação da categoria. *Ponto Urbe. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP*, n. 15, 2014.
- NOVAES, R. Religião e política: sincretismos entre alunos de Ciências Sociais. A Dança dos Sincretismos. *Comunicações do Iser*, 13 (45), p. 62-74, 1994.
- ROCHA, A. L. C. da; ECKERT, C. *Etnografia da duração: antropologia das memórias coletivas em coleções etnográficas*. Porto Alegre: Marcavizual, 2013b.
- STEIL, C. A.; ALVES, D.; REYES HERRERA, S. E. Religião e Política entre os alunos de Ciências Sociais: a definição de um perfil. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 2, n. 2, p. 9-35, 2001.
- ZELIZER, V. A. Economic lives. In: *Economic Lives*. Princeton University Press, 2010.

Recebido em: 27/09/2022

Aprovado em: 30/09/2022